

Tessituras

RÚBIA GARCIA DE PAULA

intransitiva
• revista

MEMÓRIAS QUE NOS ATRAVESSAM (V. 4, N. 2, 2020)

Tessituras

Rúbia Garcia de Paula

Manhã outonal do século XXI. Sábado. Mais precisamente, seis de maio do ano de dois mil e dezoito. Claro que o tempo, assim tão esmiuçado, não importa a quem lê, sobretudo, um tempo que se transveste de passado. Coisas pretéritas. Minutos transcorridos nos grãos de areia da ampulheta empoeirada num canto do Universo. Aliás, o tempo só importa a quem o alimente com os próprios átimos de vida. Caso contrário, são apenas visões alheias de relógios assíncronos.

Todavia, nessa história a se desenrolar pelos fios tecidos com a fina seda ancestral da memória, a mim, esse tempo muito importa. Não por conta do balé matematicamente ensaiado pelos ponteiros de todos os relógios do Hemisfério Sul, mas porque vivo está do alimento eterno que me permite tecer as próprias tramas, e que ora divido com quem tenha a humana fome de si. Assim, diferentemente do tempo, nas humanidades, a minha fome não é senão a fome do outro.

Pois bem, naquela manhã, movida pelo imprenchível abismo do saber, cheguei à Universidade Estadual de Goiás para mais um dia de especialização *lato sensu* em Docência Universitária. Ao tomar o pátio, raios solares desgarrados seduziram os meus olhos interrogativos, levando-os a uma longínqua trama brilhante que se prolongava entre árvores frutíferas na pequena parte não cimentada da terra vermelha e fértil.

Rompí a distância, aproximando-me para desvendar tal mistério, sequiosa pelo sobrenatural, a desencadear especulações infundáveis. Nesse intervalo, interiormente, andei em tempo diverso dos meus passos. Enveredei por seres mitológicos. Repisei o folclore brincalhão. Invoquei a fervorosa religiosidade. Rumei à séria ciência inafastável. Essa mesma que, após dois anos do acontecimento narrado, seria queimada numa impiedosa pandemia, como bruxa em época obscura da Inquisição.

Entretanto, a resposta só veio ao cruzar completamente o pátio. E surpreendeu-me a obviedade real da aparição. Nada de seres mitológicos, folclóricos, misticismo religioso, ou novíssimas teorias científicas. O que vi foi uma trama fina tecida pela razão da existência. Um ofício milenar artesanal. Um *modus operandi* característico. Uma aranha na própria teia. Linda. Imponente. Vistosa. Brilhava tanto quanto os fios e, de tão bojuda, parecia carregar no ventre a esperança de vida nova. Outras texturas viriam daquelas entranhas, bordaduras dos ares em novíssimos tempos de história aracnídea. Para a tessitura da teia, os bastidores eram as extremas hastes arbóreas, meio amareladas pelo tempo findo, num fundo de céu limpidamente azul.

Em instantes, minha cabeça tomou as circunstâncias de uma roca de fiar. Girava... girava... girava... enquanto a cena foi tomando posse de todas as memórias passadas-presentes-futuras. Vi-me etérea, deitada naquele tecido reluzente. Encontrei Vozinha com a grande almofada circular, marcada com alfinetes, e os bilros nas mãos, ensinando-me a milenar arte da renda: — É assim, ó, Binha! Um pra dentro, um pra fora. *Tec!Tec!Tec!* Agora faça você.

Desde o seio materno, via-me inábil à delicadeza dos trabalhos manuais, mas me esforcei para honrar as ancestrais maternas, todas exímias ao trançar os fios do novelo e as linhas da vida:

— *Tec - Tec - Tec.* Assim, Vozinha? *Tec - Tec - Tec.*

— Isso. Muito bem, minha finha! Você sabe mesmo. Binha é danada!

E ela, esguia, balançou levemente os quadris com as mãos na cintura, cantando:

— *Olé! Mulé rendeira/ Olé! Mulé rendá./ Tu me ensina a fazer renda/ eu te ensino a namorá...*

Minha avó rendeira! Avó para-inter-transdisciplinar. Numa única aula, tanto amor ao ofício, tanta eloquência ao crer na capacidade de outrem, tanta didática ao me elogiar logo na primeira aula, tanta leveza ao ensinar cantando e dançando, tanto respeito pelas várias competências, tanto conhecimento doado sem pretensão de currículo *lattes*. Quanta sabedoria para alguém que nunca frequentou a escola, tendo apenas as primeiras

letras no sertão baiano, antes de montar em lombos de burros com o marido e minha mãe, a primogênita, ainda no colo, a fim de tentar a vida em Goiás.

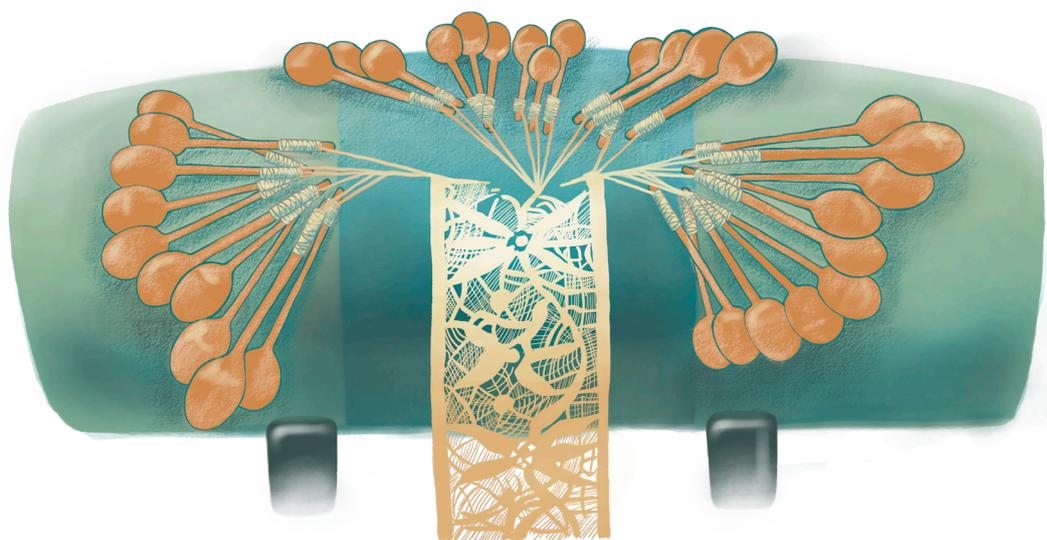
Minha avó retirante! Avó incansavelmente trabalhadeira. Avó com a fita vermelha do Apostolado da Oração. Avó dançarina nas festas de São João. Avó rezadeira nos terços marianos. Avó forte nas piadas indizíveis por mulheres de seu tempo. Avó resistente como um mandacaru, com argumentos sempre rápidos e engatilhados, abrindo caminhos no cerrado sem abandonar a tradição.

No *curriculum vitae* de minha avó, a vida se preenchia no agora, por isso trajava a incansável prontidão para servir o outro, esperando como paga o “Deus lhe pague, Mariinha!”. Era muito claro na tabuada dos dias o valor da moeda celestial. Nas inúmeras intempéries, me dizia:

— Binha, a gente não pode dizer que tá ruim, não! Tem que dizer que tá é bom! Porque, minha finha, é Deus e mais nada! Agora, venha cá, que dia será nossa próxima aula de renda? Hem?

Não houve outra aula. Tentei enganar o tempo cronometrado no relógio irresoluto. Vozinha chamava, mas não insistia. Protelando o *Tec!Tec!Tec!* dos bilros anciões, eu cria adiar o arremate final de minha avó na Terra, até que ela atingisse a imortalidade; como Penélope, tecendo durante o dia e desmanchando à noite, adiou novas núpcias até que Ulisses voltasse da Guerra de Troia.

Minha avó rendeira! Trançando em minha alma a ancestralidade. Brilhante como esta fecunda aranha tecelã. Entretanto, no outono de dois mil e treze, Vozinha começou a perder a clorofila, feito mesmo folha outonal. Foi esmaecendo diante de meus olhos incrédulos. Até que se desprende de vez dos bastidores da vida, e saiu, com o último fio da meada, ligando os pontos estelares, sem eu alcançar o título de mulher rendeira. Deixou-me a lição, num molde já começado...



Assim, entre teias de aranha prenehe e linhas teóricas acadêmicas, o chamado desses traçados é para a docência tecida não só com a técnica do ofício, mas também com a sensibilidade do saber cotidiano, respeitando o tempo para a maturação de cada um. Vozinha, sim, subiu pós-doutora.

Ilustração de Gabriel Mariano

Sobre a autora

Pós-graduada em Docência Universitária pela Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Inhumas. Bacharela em Direito pela Universidade Federal de Goiás, Câmpus Cidade de Goiás. Discente de Letras. Integrante do Movimento Casa da Ponte de Itauçu/GO.